

“ACERCA DO SILÊNCIO NO CAMINHO DA INICIAÇÃO”

A palavra “Silêncio” derivada do latim “Silentiu” significa “interrupção de ruído” ou “estado de quem se cala”.

Se na vida profana o silêncio assume por vezes um profundo significado, tornando-se na verdade necessário quando traduz um momento de reflexão ou eventualmente de escuta do Outro, numa Escola Pitagórica, e rementendo para o sagrado, o silêncio desempenha um papel ainda mais rico, carregado de simbolismo, e representando em si mesmo uma dimensão fundamental para o auto-conhecimento e aperfeiçoamento.

Numa perspectiva histórica o “Silêncio” surge desde as primeiras civilizações enquanto dimensão cultural importante, muitas vezes enquanto imposição que visa a guarda de segredos, sobretudo em sociedades iniciáticas, surgindo também enquanto virtude e sinal de sabedoria.

No antigo Egípto, existia mesmo um "deus do silêncio”, de nome Harpócrates. Entre os magos e sacerdotes egípcios, os iniciados assumiam um estado de silêncio total, com o firme objectivo de serem preservados os segredos e de incentivar a meditação.

A grande maioria das sociedades e ordens iniciáticas adoptam posteriormente esta mesma regra do silêncio, frequentemente com os mesmos objectivos.

O Buda original, sensivelmente em 500 a.c., tem nos seus ensinamentos a clara valorização do silêncio, e faz dele condição necessária à meditação e contemplação essenciais para atingir o estado de Nirvana, o penúltimo estado, imediatamente antes do estado de Buda.

A Escola Iniciática de Pitágoras (fundada possivelmente por Pitágoras em cerca de 500 a.c.), também chamada de Escola Itálica, tinha um sistema de três graus: O primeiro, Preparação – onde os neófitos eram proibidos de falar; neste Grau, também designado por grau acústico, os neófitos limitavam-se a ser ouvintes e cumpriam um período de observação de três anos em que seguiam a regra do silêncio e do pensamento, ou seja, calar e pensar no que se ouve. No grau seguinte, o da Purificação, ainda era regra o silêncio, por mais dois anos. Neste grau da Escola Pitagórica conseguia-se no entanto o direito a ouvir as palestras do Mestre Pitágoras, mas o silêncio continuava a ser imposto. Só no grau seguinte, o da Perfeição, se conquistava o direito a fazer uso da palavra; ou seja, apenas ao fim de cinco anos em silêncio se poderia obter o direito a falar. Desta perspectiva, e do ponto de vista simbólico, o Silêncio pode ser tido como parte de uma caminhada de aperfeiçoamento do eu.

O Silêncio fará parte então do caminho do Eu rumo a uma disciplina emocional. É neste caso um método.

Platão (provavelmente nascido em 427/428 a.c.) quando questionado sobre o ensino da arte de conhecer os homens, retorquiu: “Os homens e os vasos de terracota conhecem-se da mesma forma: os vasos quando são tocados têm sons diferentes; os homens distinguem-se facilmente pela sua forma de falar”. Na verdade nesta frase de Platão podemos encontrar o mote para uma reflexão acerca do uso da Palavra, e é

pensando no uso da Palavra e do seu propósito que podemos refletir um pouco mais acerca do uso do silêncio, e de como o silêncio pode ser revelador da essência do homem e da sua sabedoria, bem como o uso moderado e ponderado da palavra. Existem mais exemplos ao longo da história que relatam a importância do Silêncio: Os Essênios (150 a.c. até 70 d.c.) tinham como principais símbolos um triângulo contendo uma orelha e outro contendo um olho, significando que tudo viam e ouviam, mas não podiam falar, por não terem boca; também os monges da Ordem de Cister tinham como uma de suas principais regras o silêncio, como ponto essencial para a reflexão. Ao longo da história verifica-se que a Lei do Silêncio é um imperativo, sobretudo nas sociedades iniciáticas.

A Lei do Silêncio é, na verdade, a origem de todas as Iniciações.

O Silêncio para um candidato no caminho da Iniciação parece revestir-se de uma enorme importância, até porque eventualmente é permitido ao candidato estar consigo próprio, numa atitude de reflexão e de contemplação, por forma a que possa ocorrer a maturação silenciosa do espírito.

O neófito necessita de refletir, de ser confrontado consigo mesmo... Aquilo que remete para o VITRIOL – *Visita Interiorum Terrae, Rectificandoque, Invenies Occultum Lapidem* –, ou seja: Visita o Interior da Terra, Rectificando-te, encontrarás a Pedra Oculta.

De facto, o silêncio enquanto uma virtude permite este “olhar”, o “olhar para dentro de nós”, possibilitando o desenvolvimento da discipulação, que corrige os defeitos, que nos corrige e nos faz aperfeiçoar.

É a dimensão que nos permite usar da prudência, do tacto e da tolerância em relação aos defeitos e imperfeições dos nossos semelhantes e às nossas.

É uma virtude que deve ser levada para a vida profana seguramente, mas é uma virtude que deve ser respeitada sobretudo no espaço do sagrado em nós.

O Silêncio do neófito permitirá com o tempo a meditação e o raciocínio, fontes libertadoras das paixões e dos maus pensamentos.

O Silêncio não é o “calar”, é aquilo que chamo de um Silêncio no espaço do sagrado em nós, em nada comparável ao calar da vida profana.

É a dinâmica do silêncio, que escuta e vê, sem ser mudo nem passivo, que surge o diálogo de Si consigo mesmo, a observação atenta, a análise crítica e reflexiva, o desenvolvimento da arte de pensar.

É o método que permite que o neófito aprenda o controle emocional necessário para que a razão possa emergir, livre das paixões. Só assim ele é uma virtude.

Só desta forma, que não é o “calar”, mas antes o Silêncio, estamos numa dimensão que remete para o interior de cada um e transmuta.

É no Silêncio vivenciado no espaço sagrado de cada um, que se pode confiar para evitar julgamentos de valor próprios do mundo profano, pleno de imperfeições.

O Silêncio vivenciado em virtude no espaço do sagrado, permite que se continue a Obra no mundo profano, permite estender a nossa capacidade de reflexão e tolerância ao mundo lá fora, fazendo a diferença, ao invés de permitir que o ruído e o julgamento de valor nos contaminem.

Dizia-nos William James: “O exercício do silêncio é tão importante quanto a prática da palavra”.

Esta é uma verdade inalienável acerca do poder do Silêncio, e do dom da Palavra.

Também numa tradução absolutamente livre do Livro de Isaías, no seu cap. 30, v. 15, poder-se-ia ler: “Na paz e no silêncio encontrarás a tua força”, é na verdade no Silêncio que nos fortalecemos, é ele que prepara o neófito no caminho da Iniciação.

Lúcia Reixa Silva, Abril 2017